

“QUE ALMEJO EM TI – À OUTRA MARGEM”: POESIA E ESTRANGEIRIDADE EM MAX MARTINS

LEILA MELO COROA*
MAYARA RIBEIRO GUIMARÃES**

RESUMO

Estudo sobre a poesia de Max Martins a partir da linha de força da estrangeiridade. Considera-se para esta análise poemas do amplo arco histórico da sua produção, entre 1951 e 2001. Defende-se aqui que a poesia de Max pensa a ideia de estrangeiridade, tópica constante na sua obra. Neste artigo estuda-se o “pensamento da poesia” de Max, isto é, como a poesia coloca em questão a própria poesia. Os textos de Max Martins em análise são abordados com Maurice Blanchot, Jean-Luc Nancy e Jacques Derrida.

PALAVRAS-CHAVE: Max Martins. Estrangeiridade. Pensamento da poesia.

1. O trabalho propõe um estudo da poesia de Max Martins a partir da linha de força da estrangeiridade. Considera-se para esta análise poemas do amplo arco histórico da sua produção, entre 1951 e 2001, período de

* Doutoranda em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp), Campinas-SP, Brasil, com bolsa pela FAPESP, processo nº 2022/02252-6, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. E-mail: leilacoroa@gmail.com. Orcid: 0000-0003-3906-0329.

** Professora Associada de Literatura Brasileira (Universidade Federal do Pará); coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos de Literatura, Tradução e Imagem (CNPQ, Produtividade 2); senior Fellow do Collegium Helveticum (Instituto de Estudos Avançados da ETH, UZH e ZHdK) (2021-2022); membro do Swiss School of Latin American Studies (SSLAS) e do Latin American Zürich Center (LZZ); editora-chefe da Revista MOARA (PPGL-UFGA), Belém-PA. E-mail: mayribeiro@uol.com.br. Orcid: 0000-0002-5263-0499.

publicação em vida dos seus dez livros¹.

Defende-se aqui que a poesia de Max pensa a ideia de estrangeiridade, tópica constante na sua obra. Este artigo estuda o “pensamento da poesia” de Max, isto é, a maneira da poesia colocar em questão a própria poesia em seu efeito de estranhamento.

A ideia de pensamento da poesia é uma “ferramenta para pensar”, como entende Evando Nascimento, a partir de Jacques Derrida, sobre os casos de escritores que elaboram uma “literatura pensante” (NASCIMENTO, 2015, p. 20). O pensamento da poesia é, neste caso, compreendido como efeito de leitura, na medida em que palavras da tradição filosófica da segunda metade do século XX – por exemplo, o exílio, o estrangeiro, a rasura, o rastro, a escritura, – são apropriadas pela poesia de Max, produzindo outras consequências.

Assim como Max não aplica conceitos filosóficos ao discurso poético, tenta-se não aplicar tais conceitos, mas reconhecer os diálogos, a sua maneira de singularização e especificação. Trabalha-se a ideia de que a obra de Max produz como efeito de leitura um pensamento da poesia, a partir do aspecto da nomeação dos seus fenômenos, que aparece de maneira recorrente e variante. Interessa especificamente neste estudo o pensamento da estrangeiridade na poesia de Max.

2. Max Martins (1926-2009) nasceu em Belém do Pará. Participou do Grupo dos Novos, na década de 1940, geração intelectual importante na formação da vida literária paraense, da qual participaram Benedito Nunes, Mário Faustino, Francisco Paulo Mendes e Paulo Plínio Abreu. Publicou dez livros de poemas em vida, bem como uma extensa produção plástica, a que chamou “diários”, publicada parcialmente sob o título *Cadernos de pinturas*, em 2007,

¹ Say it (over and over again) é o título do último livro, décimo primeiro entre os volumes da poesia completa de Max Martins, constituído de inéditos, publicado pela editora da Universidade Federal do Pará em 2021. Say it (over and over again) seria o título do último poema escrito por Max, segundo Age de Carvalho em depoimento.

volume lançado na Feira Pan-Amazônica do Livro, em Belém, com a presença do poeta². Foi premiado pela Academia Brasileira de Letras, prêmio de poesia Olavo Bilac, em 1993, pelo livro *Não para consolar*, sua primeira reunião de obra poética.

A obra de Max Martins teve, desde o primeiro livro, *O Estranho*, de 1952, um acompanhamento crítico. A recepção imediata da obra de Max foi por Benedito Nunes, em sua estreia na crítica. Nunes ainda escreveu um ensaio sobre o livro *H'era*, em 1971, livro editado como presente ao poeta. O crítico escreveu em 1991 e publicou em 1992, como prefácio à primeira organização de poesia reunida de Max, *Não para Consolar*, o ensaio referencial na fortuna crítica em torno da obra do poeta, *Max Martins, Mestre-Aprendiz*. Esse texto mapeia linhas de força e tensões no processo de sua obra, introduz a tópica instigante da crise, ideia pela qual os trabalhos críticos, a partir de então, encontram caminhos de interpretação produtivos.

Esse ensaio norteia a recepção crítica a partir da década de 1990 e mais intensamente a partir da década de 2010, quando assistimos a um crescente interesse nacional pela obra do poeta. Após sua morte, em 2009, críticos muito influentes da poesia brasileira comentaram a obra de Max, em livros de ensaios, revistas e prefácios às edições mais recentes da obra completa.

De 2015 a 2021 a Editora da UFPA publicou a “poesia completa” de Max Martins, livro a livro, com projeto gráfico e organização de Age de Carvalho. Esses volumes são prefaciados por ensaios de grandes críticos da literatura brasileira, dentre os quais pode-se destacar: *A outra margem de Marahu*, de Davi Arrigucci Jr., de 2015; *Riscos, rasuras, rastros*, de Eduardo Sterzi, de 2016; *Uma poética do Caminho*, de Maria Esther Maciel, de 2016; *Colmando a lacuna: ainda, sempre*, de Tarso de Melo, de 2015; e *A arte do autorretrato*, de Michel Riaudel, de 2018.

² Não se pretende afirmar que Max se considerava artista plástico, mas que sua obra plástica participa de sua obra poética.

Foram decisivos, para a expansão da recepção da obra de Max, a realização do evento *Colóquio Max Martins 90*, em 2016, na UFPA, e a publicação do livro *Max Martins em Colóquio: estudos de poesia*, em 2019, pela editora 7Letras, ambos organizados por Mayara Ribeiro Guimarães e Age de Carvalho.

Em 2021, Marcos Siscar publicou um instigante prefácio sobre a poesia de Max, *A poesia de imersão de Max Martins*, no livro *O poeta Max Martins: estudos críticos*, organizado por Maria de Fátima do Nascimento e Lília Silvestre Chaves. O ensaio aponta justamente para o tipo de relação com a Amazônia que sua obra estabelece, questão de poética atual e tendência crítica, na medida em que essa região é um tema contemporâneo que contempla diversos interesses.

Em 2022, Luiz Costa Lima publicou o ensaio *Max Martins: a excepcionalidade paraense*, no livro *A ousadia do poema: ensaios sobre a poesia moderna e contemporânea brasileira*. Nesse texto, que pretende ser uma leitura global da obra do poeta, o crítico propõe análises detalhadas para demonstrar o caráter complexo e denso de sua poesia na evolução dos livros.

3. Desde o primeiro livro, *O estranho* (1952), Max Martins propõe um gesto de nomeação da obra que contempla a linha de força fundamental da estranheiridade, em que se apoiam os seus temas centrais, a saber, o amor, o eu e a poesia. Benedito Nunes, no ensaio *Max Martins, mestre-aprendiz*, defende a tópica da “crise” justamente para destacar o caráter do estranho e do temporário no processo da obra: “Em cada crise, interroga-se o poeta sobre si mesmo e sobre sua poesia a busca de novas e provisórias certezas que ajudem a caminhar” (NUNES, 2001, p. 28).

Esse nome, o “estranho”, se atualiza no curso da obra, até o último livro, *Colmando a lacuna* (2001), e sofre variação. O estranhamento e o estrangeiro aparecem de diversas maneiras, dentre elas no procedimento de choque e de tensão que marca a poesia do autor. O primeiro poema do livro de 1952 é performance da intensificação do estranhamento, tendo no título esse reforço do nome:

O estranho

Não entenderás o meu dialeto
nem compreenderás os meus costumes.
Mas ouvirei sempre as tuas canções
e todas as noites procurarás meu corpo.
Terei as carícias dos teus seios brancos.
Iremos amiúde ver o mar.
Muito te beijarei
e não me amarás como estrangeiro.

(MARTINS, 2015, p. 29).

O último verso impõe uma surpresa e uma quebra de expectativas, como se fosse um elemento estranho e problemático no poema. A tensão do último verso coloca a pergunta pelo estrangeiro e pelo estranho. Quem ou o que é o estranho e o estrangeiro, em relação a quê? Essas expressões são equivalentes?

Os primeiros versos anunciam uma diferença no amor, diferença esta de língua e de cultura, ou seja, anunciam o estrangeiro, que não é o hóspede, mas o anfitrião. Esse paradoxo estabelece um tipo de estranhamento, pela inversão da ideia de estrangeiridade como chegada. Aquele que chega é recebido pelo estrangeiro.

O primeiro verso levanta a questão da língua, sugere a ideia de uma “língua menor”, faz pensar o amor como uma questão de linguagem. O dialeto é uma língua dentro da língua, o estranho dentro do próprio. O amor é abertura para a diferença e recepção do estranho. O futuro que o poema anuncia é uma espécie de promessa, ou seja, o que mobiliza a busca do apaziguamento da estrangeiridade, de assimilação familiar, no entanto sempre incompleto e por vir. Faz pensar o amor como busca de uma complementariedade impossível.

Chama também a atenção a presença do “mar”. O “mar”, nesse caso, não é o lugar de chegada do estrangeiro, nem de partida, senão lugar de encontro sempre repetido, o mar é lugar de fronteira: o amor é lugar de fronteira e de errância.

O estranho, assim, é uma condição de desdobramento do “eu”. Nunes pensou que a obra de Max é um conjunto de crises, que dramatiza justamente o desdobramento do eu como desdobramento da obra, a que “desenvolveu-se aos sobressaltos, descontinuamente, em surtos de criação” (NUNES, 2001, p. 29). A interrogação sobre si mesmo e sobre a poesia instaura uma questão de vida, uma liminaridade e complexidade entre o dado biográfico e o poema.

Na Amazônia o rio tem dimensões de mar. O rio é como o “dialeto”, um mar local. Na obra de Max, em geral, o rio é o lugar de estranhamento por excelência. É variação do tema do estranho, que aparece como dificuldade de nomear e como rasura: “Não / é a ilha / Não / é a praia / E o mar / (de nos fazermos ao) / é só um nome / sem / a outra margem (MARTINS, 2015, p. 32). Nesse poema, como em outros de *Caminho de Marahu* (1983), a tópica da estrangeiridade, forma de desdobramento do próprio, aprofunda-se, sendo emblemática logo no primeiro poema: “o rio que eu sou / não sei / ou me perdi” (MARTINS, 2015, p. 31).

Na obra madura de Max, a partir da década de 1970, o rio é tudo que rui, já se moveu, lugar de deslocamento. O estranho “é” agora em relação com o rio, encena o encontro e a cisão de identidade, a fratura do nome. O rio é o lugar próprio do estranho, daquele que se mantém na instabilidade: “a praia [...] te dissolve” (MARTINS, 2015, p. 77). O encontro com o rio é, posteriormente, a busca da poesia, “que almejo em ti – a Outra Margem” (MARTINS, 2015, p. 45), lugar de perda.

O estrangeiro como tema se apresenta de maneira mais intensa em *Caminho de Marahu* e *Para ter onde ir* (1992). Nesses livros o fazer-se estrangeiro se especializa na ideia de viagem, encena-se o fazer-se estranho e o diferir-se como o pensar no caminho. A errância, disposição ao erro, produz o estranhamento, visto que é abertura do processo de fratura da identidade, pois o sujeito poético funciona como uma figura do estranho, nele o familiar está em jogo, porém como tensão. O estrangeiro é aquele que afirma o “caminho”; portanto, relacionar poesia e estrangeiridade na obra de Max Martins faz pensar em uma poética da viagem:

Sem abrigo. Em viagem

Maleável, reflexivo, cauteloso
viajo no teu tempo
– tempo excessivo
(MARTINS, 2016, p. 47)

O estrangeiro, aquele que se dispõe à viagem, transita entre o cuidado e o risco, o preciso e o excessivo, porque o outro, figurado pelo “tempo”, é incontrolável e estranho. O tempo da poesia pode ser também o lugar de viagem do sujeito poético. A imagem do “sem abrigo” abre-se ao tema da hospitalidade, o qual aparece de maneira marcante no livro *Para ter onde ir*, que tem *A hóspede* como título de um poema, significante este que compõe vários versos de diferentes textos do autor.

A hospitalidade como recepção do estranho, que aparece desde o primeiro livro, aprofunda-se no sentido da abertura para a diferença pela via do amor. Em *A hóspede* há uma série de sugestões do amor erótico, com imagens do corpo feminino: “Tua mão no freio em baixo, freia / Detém tuas coxas” (MARTINS, 2016, p. 35).

Em outros poemas, a hospitalidade se relaciona às imagens da “cabana”, nesse sentido o lugar de hospitalidade é a poesia como questão da língua: “a poesia [...] a tua ancestral hospedaria [...] A tua cabana em chamas na floresta” (MARTINS, 2016, p. 45), “varre a tua cabana e expõe ao sol tua língua” (MARTINS, 2016, p. 33). Portanto, a poesia é um questionamento da língua, que “exposta ao sol” se dispõe ao risco, “em chamas”; da mesma forma, “varrer a casa” é revirar a língua. O “tu” é uma figura paradoxal da hospitalidade, é também o próprio sujeito poético, um desdobramento do eu: “E que tua cabana não é lugar de ficar” (MARTINS, 2016, p. 59).

Essa estranha hospitalidade ainda pode ser pensada do ponto de vista da sucessão dos livros de Max Martins: a cada livro há uma mudança e uma inquietude que faz estranhar a sua recepção. Não se pode pensar em “fases” que se sobrepõem às outras; em lugar de “fases”, Nunes

natureza (“o rio ... / e era o meu nome”), movimento de perda e expansão (“era o meu nome / o último / e se perdeu”). Nesse jogo de identidade, o “eu” se expande, dissipa-se e volta estrangeiro (“restou-me um rastro”). O elemento estranho, entre a familiaridade e a desidentificação, adquire síntese na ideia de “rastros”, ou seja, da não-origem. Novamente pode-se reconhecer no poema o jogo entre as imagens estranhas, as relações inusitadas entre os vocábulos, como em “o mar se nauseou” e “o rio que ele esqueceu atrás da porta”.

O caráter pensante na poética de Max Martins aparece na apropriação de expressões filosóficas, sobretudo de obras de pensadores cujo interesse por problemas de literatura chega a ponto de a escrita filosófica configurar um registro de pensamento poético, como o caso de Jean Luc-Nancy. O termo “escritura”, caro a pensadores dessa linhagem, aparece em Max com frequência e produz um pensamento da obra, isto é, uma metalinguagem e uma autorreflexão da escrita, como na estranha metáfora: “escrevi um rio”.

O conceito filosófico de escritura, *écriture*, é fundamental na obra de Jacques Derrida, de maneira emblemática em *Gramatologia* (1973) e em *Freud e a cena da escritura* (2003), como uma noção estruturante do pensamento da desconstrução. No pensamento da ideia de estrangeiridade, Nancy evoca justamente Derrida, para quem o trabalho da desconstrução, pode-se dizer, é um efeito de estranhamento em “uma cadeia de substituições possíveis” (DERRIDA, 2005. p. 27). Nancy menciona Derrida no texto *O intruso* (2006), sendo ele o único filósofo nomeado explicitamente no ensaio. Entre muitas convergências com o pensamento de Derrida, o texto de Nancy constitui uma forma autobiográfica para destacar a noção de “sobrevivência”.

“*O estranho*” de Max Martins abre a sua obra e é, de saída, um poema de sobrevivência, que coloca em questão a língua e o corpo como espaços de tensão, de resistências e de aberturas. O primeiro verso (“Não entenderás o meu dialeto”) sugere uma língua de sobrevivência (“o dialeto”), uma língua ininteligível, em que o amor é o próprio código (“o meu dialeto”). O dialeto é um estrangeiro dentro do próprio. Assim

Nancy define a figura do intruso, como aquele que “se introduz à força” (NANCY, 2008, p. 3) e para o qual não há garantia de hospitalidade. A intrusão é uma condição do estrangeiro, isto é, o estrangeiro é um intruso (“é preciso que haja o intruso no estrangeiro” (NANCY, 2008, p. 3)).

Em Nancy e em Max há um sentido paradoxal da ideia de estrangeiro. O estrangeiro não é o outro, mas o mesmo: diz o sujeito poético de Max, “não me amarás como estrangeiro”; e o sujeito do enunciado³ de Nancy, “meu coração batendo sem parar, tão ausente, como a planta dos meus pés na caminhada. Para mim ele se tornou um estrangeiro, ele fazia intrusão por deserção: quase por rejeição, senão por dejeção” (NANCY, 2008, p. 7).

O ensaio de Nancy parte de uma situação específica de doença e da experiência de transplante do coração, dos fatores da imunidade e do enxerto do órgão, para pensar a questão da estrangeiridade e do estranho: “Há um intruso em mim, e eu me torno estrangeiro a mim mesmo” (NANCY, 2008, p. 18). O coração de Nancy, que se tornara estranho (doente) ao seu corpo, teria de se apropriar de um coração outro, estrangeiro (enxertado, transplantado), o qual o seu corpo também não deixaria de rejeitar. A questão para Nancy é “o que é o estranho?”, porque a única possibilidade de sobrevivência é a convivência com uma estrangeiridade própria.

Em Max a “língua” ocupa o lugar do “coração” de Nancy, ou seja, é uma espécie de enxerto e, ao mesmo tempo, já estava lá, como se viesse de fora, embora já estivesse dentro. O “dialeto” é por excelência a língua estranha e própria.

A questão da língua e do coração recorda o famoso texto de Derrida, *Che cos'è la poesia?* (2001), em que o poema é necessariamente de cor e de coração em “som farpado” (MARTINS, 2016, p 23.). Esse som (corpo

³ “Recebi (quem, ‘eu’?, é precisamente a questão, a velha questão: qual é este sujeito da enunciação sempre estrangeiro ao sujeito de seu enunciado, do qual ele é forçosamente o intruso, e, no entanto, forçosamente o motor, a embreagem ou o coração)” (NANCY, 2006, p. 5).

farpado) estranho, assim como o animal poético para Derrida, o ouriço, são imagens que pensam a poesia como coisa estrangeira a si mesma.

O pensamento da estrangeiridade, que tem lugar no poema de Max Martins e no ensaio de Nancy, sugere que a ideia de poesia parece ser alguma coisa a se fazer – “Mas ouvirei sempre as tuas canções” (MARTINS, 2015, p. 29); “Tudo me virá de alhures e do fora neste assunto - exatamente como meu coração, meu corpo, me são vindos de alhures, são em alhures ‘em’ mim”, (NANCY, 2008, p. 12) – e que está num jogo de resistência.

4. Na poesia de Max Martins são frequentes diferentes tipos de dissolução, que atuam sobre vários aspectos e materialidades na imagística dos seus textos: sobre o eu e o outro – como em a “[...] praia / que nos inverte e desescreve / dissolvENDO-NOS”, do poema *Escrita* (MARTINS, 2016, p. 72); ou como em “a praia / [...] / te dissolve”, do poema *Marahu* (MARTINS, 2015, p. 77) –; sobre o espaço e a paisagem – como em “fruir o rio / ruindo”, do poema *Aluída a lua* (MARTINS, 2015, p. 41) – e sobre a poesia – como em “o mesmo ar (bolor) / te desintegra / Te diz: flor / e já não és / poesia / és pó”, do poema *Poesia* (MARTINS, 2016, p. 75).

O poema “*Exílio 2*” figura o processo da dissolução de um “eu” que vai se esfacelando e se desencontrando de si, que encena a impossibilidade de uma escritura, no sentido de que sua realização nunca é plena, absoluta, mas antes feita de vacilo, errância e vazio:

Exílio 2

A F. Paulo Mendes

Amemo-nos neste instante, minha alma: Há
coisas entre nós que não sabemos, ou
ainda não são
são álibis

Como esta asa oca

este poema louco
feito de miasmas e ânsias
indecólaveis
 indecorosos pássaros da linguagem
 desovando ecos, seus resíduos
no indizer da praia

E pela praia
entre nós e os sóis que há lá fora, há
o mar lacrado a jaula e meus pentelhos
afogados neste espelho
neste rosto
gasto
neste olho
cego de mim meu eu meu céu ágrafo-vazio

(Ou céu já há, e é, e não conheço
 no interpelar da lua
 tutelar, a teia
onde estremeço, extremo-me
- fulgor de Circe entre os joelhos?)

Amemo-nos, nome sobre nome num só nome,
aliciando as nossas águas, hélice e ânimo

Amemo-nos neste instante, minha alma almeja-me
que te chamo e ardo
 Agora!

Oh verbo! Estiolado esperma, a pátria é tarde
 E a noite

anoitecendo cria um verme
esconso e esconde-o
 amoita-o
no chão dos nomes, minha alma – exílio e lama
(MARTINS, 2001, p. 149)

“*Exílio 2*” é um poema de convocação amorosa, de um desejo de união, de chamamento do outro, em relação ao que o sujeito poético chama de “minha alma”. Essa expressão no feminino parece indicar uma outra parte do sujeito que não se adere ao mesmo e que lhe é desconhecida. Há, portanto, um paradoxo na ideia de alma, na medida em que esta se encontra fora do sujeito, assim a distância entre o sujeito e a alma é a distância do não saber e do vir a ser. Nesse caso, a alma se situa num dentro e fora do sujeito.

Para a busca da complementariedade do sujeito com a alma, configuram-se imagens de saída, como “asas” e “poema”, mas que tropeçam num tipo de malogro desse deslocamento, como em “oco”, “louco”, “miasmas” e “indecóláveis”. Nessa passagem figuram-se imagens residuais, “ecos” que são rastros de um deslocamento problemático.

A praia aparece como uma imagem de expansão, de saída por excelência, de todo modo vem associada a imagens de restrição e impedimento, “lacrado” e “jaula”. A expressão “lá fora”, que designa a exterioridade da alma, contrasta com a imagem do espelho, que faz retornar ao mesmo, no entanto o “rosto” e o “olho” que se vê e que identificam o sujeito são “gastos” e “cegos”. Há, assim, uma perda e um estranhamento do eu.

Essa espécie de estrangeiridade do sujeito se realiza em alto grau no caráter “ágrafo” que ele atribui a si mesmo, ou seja, falta a língua lá onde deveria haver uma compensação ou uma complementariedade do eu com a sua outra parte, nesse caso a linguagem.

Esse é um poema, do início ao fim, de abalo e cisão, que ocorre no sujeito poético, no desejo e na linguagem. As palavras “estremeço” e “extremo-me” são emblemáticas da situação-limite do eu, de perda da segurança e de entrada em crise. O perigo, dessa forma, passa pelo amor, que, dramatizado na aparição da deusa Circe no poema, ao mesmo tempo interioriza o sujeito e o aprisiona. A deusa figura uma falsa hospitalidade, uma imagem do amor erótico, “fulgor de Circe entre os joelhos?”, de recepção do “estrangeiro” que tem como objetivo restringi-lo.

Contudo, há um desejo do “nome”, que se realizaria como a sua sobreposição e indistinção: “nome sobre nome num só nome”. Este processo participaria da mesma lógica da relação entre sujeito e alma, o nome é, ao mesmo tempo, dentro e fora, exterior e interior, o mesmo e o outro.

O elemento erótico masculino é explicitamente o “esperma”, no entanto este é qualificado como “estiolado”, enfraquecido. Essa queda vem associada às imagens do chão que começam a aparecer frequentemente ao fim do poema, por contraste às imagens aéreas do início (“céu”, “sóis”, “vo”, “pássaro”). A alma, objeto de desejo do sujeito, se esconde agora, mas não no ar, na terra; não sobre, mas sob o sujeito. Esse lugar subterrâneo do sujeito é o lugar de exílio, ou seja, lugar de desconforto e desidentificação.

O lugar da busca é, dessa vez, a lama, onde se complexifica a dificuldade e a profundidade. Não é mais a matéria fluida, transparente e aberta, mas a matéria viscosa que turva o encontro do eu com o outro e torna o estado de estrangeiridade sempre presente (“neste instante”, no primeiro verso; “agora!”, nos versos finais”).

Esse pensamento da estrangeiridade, que no poema se realiza como processo de fratura e estilhamento do eu e da linguagem, de concentração e, de uma só vez, de dispersão, se aproxima do que pensa Maurice Blanchot em *O espaço literário* a propósito da experiência literária do exílio:

O poema é exílio, e o poeta que lhe pertence, pertence à insatisfação do exílio, está sempre fora de si mesmo, fora de seu lugar natal, pertence ao estrangeiro, ao que é exterior sem intimidade e sem limite, esse desvio que Hölderlin menciona, em sua loucura, quando aí vê o espaço infinito do ritmo. (BLANCHOT, 2011, p. 259)

Para Blanchot é justamente a condição do exílio o espaço do poeta. A condição do poeta é a de saída de si e de exteriorização do sujeito a cada vez mais afastado, como uma condição de “eco” que perdeu a fonte, para usar uma imagem do poema de Max. O exílio é o lugar de puro deslocamento do ritmo, onde o “eco” ressoa sem encontrar morada e fim.

Uma questão fundamental da poesia de Max é uma espécie de “princípio de insuficiência”, uma complementariedade que não se resolve, próximo do que pensa Blanchot em *A comunidade inconfessável*:

“Na base de cada ser existe um princípio de insuficiência...” (princípio de incompletude). É um *princípio*, notemo-lo bem, isso que comanda e ordena a possibilidade de um ser. Donde resulta que essa falta por princípio não anda ao lado de uma necessidade de completude. O ser, insuficiente, não busca se associar a um outro ser para formar uma substância de integridade. (BLANCHOT, 2013, p. 16, grifo do autor)

No caso do poema de Max, a busca do outro se contenta em si mesma, portanto não tem a finalidade de encontrar a parte separada do sujeito, mas manter o movimento de saída.

5. O pensamento do “estranho” tem um lugar fundante na obra de Max Martins, na medida em que ocupa o primeiro poema do primeiro livro publicado, dá título ao livro em geral, avança e se especializa no curso da obra até o último volume. A ideia de estrangeiro aqui compreende uma mudança de perspectiva do sujeito, que, de saída, é o outro em relação ao mesmo. O outro não é aquele que vem e que chega, mas aquele que parte e que sai de si, cujo destino vem a ser um lugar necessariamente em deslocamento e dissolução, o espaço da poesia.

O poema “*Exílio 2*” é também fundamental para pensar a ideia de estrangeiridade na obra do poeta, porque em alguma medida se faz emblemático do oco da língua e da negatividade do movimento inquietante da poesia. A praia inominável, a força êxoda e o caráter deslocante da experiência para o sujeito poético configuram o informe, a formalização da metamorfose e o estranhamento. A alteridade da linguagem é resultado do estar em viagem e de sua errância.

A estrangeiridade em Max Martins nomeia os deslocamentos e o lugar da diferença na poesia. O que se chama de diferença em sua poesia diz respeito a movimentos de saída da identidade e do lugar de origem, de abertura para o outro, dispositivos de tensão da poesia para manutenção do interminável como pensamento da obra.

“WHAT I WISH IN YOU - THE OTHER SHORE”: POETRY AND FOREIGNNESS IN
MAX MARTINS

ABSTRACT

This paper proposes a study of Max Martins' poetry from the point of view of foreignness. For this analysis, we consider poems from the wide historical arc of his production, between 1951 and 2001. It is argued here that Max's poetry thinks about the idea of foreignness, a constant topic in his work. This paper studies Max's "thinking of poetry," that is, how poetry calls poetry itself into question. Max's texts under analysis are approached with Maurice Blanchot, Jean-Luc Nancy, and Jacques Derrida.

KEYWORDS: Max Martins. Foreignness. Thought of poetry.

“LO QUE ANHELO EN TI - LA OTRA ORILLA”: POESÍA Y EXTRANJERÍA EN MAX
MARTINS

RESUMEN

Este artículo propone un estudio de la poesía de Max Martins desde el punto de vista de la extranjería. Para este análisis, consideramos poemas del amplio arco histórico de su producción, entre 1951 y 2001. Se argumenta aquí que la poesía de Max piensa la idea de extranjería, un tema constante en su obra. Este artículo estudia el “pensamiento de la poesía” de Max, es decir, cómo la poesía cuestiona a la poesía misma. Los textos de Max objeto de análisis se abordan con Maurice Blanchot, Jean-Luc Nancy y Jacques Derrida.

PALABRAS CLAVE: Max Martins. Extranjería. Pensamiento poético.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. *A comunidade inconfessável*. Trad. Eclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Lumme Editor, 2013.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

- CARVALHO, Age de; GUIMARÃES, Mayara Ribeiro. *Max Martins em Colóquio: estudos de poesia*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.
- CHKLÓVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). *Teoria da Literatura: Formalistas Russos* (3ª ed.). Porto Alegre: Editora Globo, 1976, pp. 39-56.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman & Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DERRIDA, Jacques. *Che cos'è la poesia?* Inimigo Rumor, n. 10. Trad. Marcos Siscar & Tatiana Rios, 2001.
- DERRIDA, Jacques. *Freud e a cena da escritura*. In: *A escritura e a diferença*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2005.
- LIMA, Luiz Costa. *Max Martins: A excepcionalidade paraense*. In: *A ousadia do poema: ensaios sobre a poesia moderna e contemporânea brasileira*, SP: Unesp, 2021.
- MARTINS, Max. *A fala entre parêntesis*. Organização e notas: Age de Carvalho. Belém: ed. Ufpa, 2016a.
- MARTINS, Max. *Anti-retrato*. Organização e notas: Age de Carvalho. Belém: ed. Ufpa, 2018.
- MARTINS, Max. *Cadernos de Pinturas*. Belém: Secult/Amu-PA, 2007. (edição em fac- simile).
- MARTINS, Max. *Caminho de Marahu*. Belém: Grafisa, 1983.
- MARTINS, Max. *Caminho de Marahu*. Organização e notas: Age de Carvalho; prefácio: Davi Arrigucci. Belém: ed. Ufpa, 2015.
- MARTINS, Max. *Colmando a lacuna*. Organização e notas: Age de Carvalho; prefácio: Tarso de Melo; posfácio: José Edison Ferreira. Belém: ed. Ufpa, 2015.
- MARTINS, Max. *H'Era*. Organização e notas: Age de Carvalho; prefácio e posfácio: Benedito Nunes Belém: ed. Ufpa, 2016.
- MARTINS, Max. *O estranho*. Organização & notas Age de Carvalho; prefácio Elias Ribeiro Pinto. Belém: ed. Ufpa, 2015.
- MARTINS, Max. *O cadafalso*. Antilogia 1952-2002. Org. Ney Ferraz Paiva. Belém: Cão-Guia, 2002.

MARTINS, Max. *O risco subscrito*. Organização e notas: Age de Carvalho; prefácio: Eduardo Sterzi. Belém: ed. Ufpa, 2016b.

MARTINS, Max. *Para ter onde ir*. Organização & notas Age de Carvalho; prefácio Maria Esther Maciel. Belém: ed. Ufpa, 2016.

MARTINS, Max. *60/35*. Organização e notas: Age de Carvalho; prefácio: Davi Arrigucci. Belém: ed. Ufpa, 2018.

MARTINS, Max. *Poemas reunidos*. Belém: Ed. UFPA, 2001.

NANCY, Jean-Luc. *A resistência da poesia*. Trad. Bruno Duarte. Lisboa: Edições Vendaval, 1996.

NANCY, Jean-Luc. *O intruso*. Tradução de Priscila C. Laignier, com a colaboração de Ricardo Parente e Susan Gugenheim Revisão técnica: Aluisio Pereira de Menezes. Formação Freudiana, 2008. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/jean-luc-nancy-o-intruso-pdf-free.html>.

NASCIMENTO, Evandro. *Derrida e a literatura: notas de literatura e filosofia nos textos de desconstrução*. São Paulo: É Realizações, 2015.

NUNES, Benedito. *Max Martins, Mestre-Aprendiz*. In: MARTINS, Max. *Poemas reunidos*. Belém: Ed. UFPA, 2001.

SISCAR, Marcos. *A poesia de imersão de Max Martins*. In: *O poeta Max Martins: estudos críticos*. Org.: Maria de Fátima do Nascimento & Lília Silvestre Chaves. Campinas: Pontes, 2021

Submetido em 29 de maio de 2022

Aceito em 13 de fevereiro de 2023

Publicado em 28 de maio de 2023
